

Ser pedreiro do Senado: um bom negócio

BRASÍLIA — Ser pedreiro, no Senado Federal, é um ótimo negócio: seu "quadro de obras" abriga 242 funcionários, entre engenheiros, psicólogos e motoristas, contratados sem concurso público e com salários até Czs 400 mil. Embora oficialmente sejam mestres-de-obras, encarregados de serviços gerais e serventes, nenhum deles trabalha no setor da construção civil, pois quando o Senado constrói ou faz reformas

contrata empresas especializadas.

Essa ficção funcional existe há várias legislaturas e já chegou a ter mais de 300 funcionários, sempre muitos universitários, apadrinhados de parlamentares e servidores graduados do Senado. Em 1983, por exemplo, Joaquim Galdino de Oliveira, motorista profissional, ganhava Crs 104 mil como funcionário do Expresso União. Com a interferência do se-

nador Jarbas Passarinho (PDS-PA), conseguiu uma vaga de auxiliar de almoxarife no "quadro de obras". O salário era menor, Crs 68 mil, mas ele tinha esperanças de melhoras futuras, além de uma jornada de trabalho tranqüila e estabilidade no emprego. Cinco anos depois, Joaquim acha que valeu a pena: jamais exerceu a função de auxiliar de almoxarife. Hoje ele recebe Czs 179.248,68, trabalhando como contínuo para o

senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA), na 1ª Secretaria do Senado, órgão responsável pela administração funcional da Casa.

"O quadro de obras é um eterno problema", comenta Magalhães, que defende o relógio de ponto para controlar o horário dos funcionários públicos. Em 1982, o "quadro de obras" foi extinto, mas ninguém perdeu o emprego. Poucos meses depois, a Mesa do Senado voltou atrás.

ESTADO DE SÃO PAULO 17 AGO 1988

GAZETA MERCANTIL